



O povo é que tem a culpa

Eu sei. Não é politicamente correcto dizer isto.

A visão corrente, aceite por quase todos, é que a culpa é dos políticos. De tudo o que corre mal, claro. O bom do *Zé-povinho*, coitado, tem os olhos tapados, tem a albarda em cima, é bom, mas um bocado burro. Os políticos é que são espertos. E corruptos.

Pois. Bordalo Pinheiro desenhou o *Zé-povinho* no fim do século XIX. Quer dizer, andamos a mastigar essa velha ideia pelo menos há 150 anos!

Bordalo Pinheiro não era uma voz isolada. Quase todos os vultos das artes e letras da altura batiam na mesma tecla. A culpa era dos políticos corruptos... da Monarquia. Vá de deitar abaixo a Monarquia e implantar a República em 1910, que se revelou afinal tão cheia de políticos corruptos como o anterior regime.

O combate ao oportunismo dos políticos republicanos era também uma ideia central para as forças conservadoras que impuseram a ditadura, em 1928.

Os políticos da ditadura de 48 anos não eram menos oportunistas e corruptos. A diferença é que era proibido afirmá-lo em voz alta...



Zé-Povinho dorme mansamente encostado à sua albarda, enquanto rei, corte, governo, oposição e aristocracia, todos acampam no seu lombo ("O Dia de Reis", gravura de Rafael Bordalo Pinheiro, fim do séc. XIX).

Vira o disco...

Vem a revolução de Abril de 1974, o povo é quem mais ordena, etc., mas os malandros dos políticos brevemente tomam conta de tudo. Temos há 30 anos uma democracia parlamentar, ancorada na democrática Europa, mas não temos nenhuma redenção.

A alvorada radiosa não deu lugar a nenhum paraíso na terra. Nem a miragem marxista nem a afluência neoliberal se materializaram, felizmente. Temos os velhos problemas para resolver e não há milagres.

As coisas continuam difíceis, somos ultrapassados por toda a gente, temos opções imperfeitas a fazer que não arranjamos coragem para enfrentar, a riqueza e o bem-estar são lentos a chegar. Desesperamos. A culpa é dos políticos!

Afinal, quem nos oprime?

Mas vejam só isto: há 30 anos que todas as opções do nosso regime político, bem como todas as escolhas das pessoas que o dirigem, são sancionadas pelo voto popular, livre e universal!

Não houve *pide*, nem polícia de choque, nem prisões nem censura para nos meter qualquer opção política pela goela abaixo. Tivemos acesso a toda a informação; ouvimos milhares de horas de debates; pudemos sempre manifestar o nosso descontentamento ou apoio, contra ou a favor fosse do que fosse. Agora não gostamos do resultado porquê?

Se as políticas do nosso regime não prestam, de quem é a culpa? Nossa, do povo, é claro. Não é agradável de ouvir, mas é a pura verdade.

Se os políticos não prestam, de quem é a culpa, afinal? Nossa, que os elegemos. Quem tem que meter a mão na consciência? **Nós, o povo.**

Se só o povo é soberano, só o povo é responsável. E o povo somos nós...

A verdade impossível

Os políticos mentem ao povo. Prometem coisas nas eleições que sabem não poder cumprir no governo. É verdade. Não há qualquer dúvida. Mas eu pergunto: **se eles dissessem a verdade, seriam eleitos?**

Imaginem o bom do nosso primeiro, nas últimas eleições, a dizer assim:

Meus amigos, isto está mesmo mau. Não há pão para malucos.

A única coisa que posso fazer é travar o défice do estado, e mesmo assim apenas ligeiramente. Não há dinheiro para reformar o estado, portanto vou-vos largar o fisco às canelas, aumentar impostos, mas sobretudo usar ferramentas informáticas mais eficientes para vos sacar tudo o que puder. Estas políticas terão um efeito mau na economia e impedirão a retoma; esqueçam, não há nada a fazer senão engolir a pílula.

Quanto ao desemprego, mais empresas vão falir e as deslocalizações vão continuar. As empresas estrangeiras e portuguesas vão continuar a ir-se embora e não há grande coisa que eu possa fazer para as impedir.

Quanto a criar novos empregos, só com a requalificação da mão-de-obra e melhor educação e isso leva anos. Entretanto, mais uma vez devido ao peso do fisco, vamos manter-nos pouco competitivos e pouco emprego será criado.

Vou fazer algumas novas obras públicas, mas não esperem milagres. Vai haver um acréscimo da conflitualidade social, porque há muitos grupos a serem sacrificados e não tenho margem para ceder-lhes praticamente nada.

Peço-lhes paciência, porque o meu mandato vai ser triste e desagradável. No fim, se tudo correr menos-mal, teremos alguma margem de manobra para tomar medidas positivas.

Se Sócrates tivesse dito isto, teria sido honesto. Teria anunciado com inteira candura o que está a fazer agora. Teria falado com franqueza e desassombro ao seu eleitorado. Teria prometido apenas o que está a cumprir. Mas, é claro, **nunca teria sido eleito!**

Um político honesto é um político suicida.

Porquê?

Porque **o povo não quer ouvir a verdade.**

Prefere seguir a conversa mole de quem diz: *Vá lá, a situação não é assim tão má, os meus adversários é que a estragaram, votem em mim que tudo vai correr pelo melhor e vou trazer-lhes todos os benefícios que desejam.*

Todos sabemos que é um discurso mentiroso, mas é menos preocupante e menos desagradável de ouvir.

Caro leitor, peço desculpa, mas se me leu até aqui esperando que eu proponha alguma solução simples para o caso, a verdade é que não tenho nenhuma. Males que nos afectam há centenas de anos não podem ter soluções simples, senão já tinham sido resolvidos há muito.

Há uma solução, mas não é simples. É aborrecida, longa, incómoda e de resultado incerto. Ainda por cima obriga cada um de nós a fazer qualquer coisa.

A única solução é **o povo tornar-se melhor**, mais responsável, menos comodista.

Numa democracia, quem define as regras do jogo é o povo, não os políticos! Se o povo, na sua apatia, permite a via fácil da demagogia, do clientelismo e da corrupção, porque haveriam os políticos (a maioria, pois pode sempre haver excepções individuais) de seguir a via difícil da honestidade e do serviço público?

Cabe ao povo obrigá-los a seguir essa via.

Mas o povo é toda a gente e não é ninguém. O povo é feito de cidadãos. Você é um, eu sou outro. Vamos começar por nós próprios, pequenas partes do povo que somos.



Zé-Povinho, criado por Bordalo Pinheiro em 1875. Imensamente forte mas ignorante e preguiçoso, era explorado por uma multidão de aristocratas e políticos corruptos que usavam a albarda (à direita) para cavalgá-lo.

Manual do cidadão incómodo

- *Da próxima vez que um político lhe tentar vender o veneno adocicado das mentiras convenientes que você até gostaria de ouvir, atire-lhe ovos podres, tomates, mande-lhe e-mails a insultá-lo, desanque-o no seu blogue, escarneça dele no café e no emprego, apupe-o em público. Não deixe a mentira ser premiada!*
- *Se um político afirmar qualquer coisa que você sabe que é verdade mas não gosta de ouvir, aplauda-o sempre! Com o tempo, se se sentir aplaudido nessas atitudes, talvez ele um dia se convença que a coragem compensa; se esse dia improvável chegar, aplauda-o freneticamente!*

- *Prefira os políticos que tentam exprimir num debate ideias complexas e difíceis de explicar, a quem tiram sempre a palavra para deixar falar os artistas dos chavões sem sentido. Se alguma vez telefonar para um debate ou intervir numa discussão, argumente com os primeiros e despreze contenciosamente os segundos.*
- *Se um político se mostrar insatisfeito com o seu trabalho e preocupado com o que falta fazer, dê-lhe talvez o benefício da dúvida. Nunca, nunca, nunca apoie um indivíduo satisfeito consigo próprio: ou é um farsante ou um megalómano perigoso.*
- *A política é uma arte muito suja e um político eficaz nunca é inocente. Se, ao ser acusado perante graves indícios, um político confessar que realmente meteu a mão na salgadeira, considere a possibilidade de perdoar-lhe e voltar a apoiá-lo. Àquele que se nega a admitir a culpa deve ser negada qualquer contemplação. Além disso, um político inocente é apenas aquele que ainda não foi apanhado!*
- *Se um político revelar os compromissos que teve que negociar para levar adiante as suas políticas, isso deve ser premiado com uma discussão atenta. Aquele que nega ter alguma vez entrado em acordos para conseguir votos deve ser ridicularizado sem piedade.*
- *Um tipo que se arrogue o descaramento supremo de dizer na mesma frase que vai combater o desemprego e diminuir o défice público (e todos, envergonho-me de dizê-lo, ainda o fazem) deveria ser perseguido pelo escárnio durante anos a fio, por imaginar que o povo não percebe que se combate o desemprego gastando dinheiro e agravando o défice público. A presunção de imaginar que se pode mentir na cara das pessoas e não ser castigado tem de acabar.*
- *Intervenha sempre. Vote. Procure premiar a competência, combater a demagogia. Obrigue sempre os políticos a justificarem os seus actos. Os cidadãos não podem permitir aos políticos e aos parapolíticos (profissionais da comunicação, comentadores, etc.) o exclusivo do debate político.*
- *Ao intervir, procure sempre descobrir o que é que não estão a querer discutir! Procure exprimir o que, para si mesmo, acha correcto ou errado, em vez de tentar responder aos argumentos em cima da mesa, quase sempre viciados. Uma posição ética pessoal sobre a questão é quase sempre a melhor maneira de cortar o nó górdio de um debate previamente formatado. Um exemplo: discutiu-se furiosamente há meses se o novo aeroporto devia ser na Ota ou em Rio Frio, ou mesmo continuar na Portela; mas quando é que se discutiu a nossa política de transportes?*
- *Ao intervir em política (e não só) é importante saber as agendas dos participantes, quer dizer: o que pretendem eles obter? Convém não esquecer que numa discussão quase nunca interessa o que se diz, mas apenas o que se pretende obter. As discussões políticas são como os talk shows na TV: quando lá aparece um artista meio esquecido, é sempre para promover um disco ou espectáculo... Pergunte sempre: Porque é que esta discussão foi aberta agora? Está em jogo o preenchimento de alguma comissão ou maioria? Está-se a preparar alguma candidatura? E já agora, se você participar na discussão, qual vai ser o seu objectivo? ↑*

É preciso começar já

Podia continuar a enumerar mais exemplos, mas o sentido geral é perfeitamente óbvio: **cabe ao cidadão, quer dizer, a mim ou a si, impor ao sistema político uma nova ética.** Quem deseja essa nova ética na política deve agir e não esperar que o sistema se redima sozinho.

Todas as soluções fáceis que propõem a reforma do sistema político estão votadas ao fracasso. O sistema político não pode auto-regenerar-se porque é (apesar de tudo, felizmente) democrático e assenta no povo. E, no fim de contas, é o próprio povo que o corrompe, com a sua apatia!

A única via que pode resultar é difícil, chata e longa. É o trabalho de cada um de nós para espalhar entre os amigos, colegas, conhecidos ou meramente espectadores dos nossos actos, **o vírus da cidadania.**

Não estou aqui a aderir ou a propor que você adira a qualquer corrente política, programa ou partido. Isso é problema pessoal meu e seu. Pessoalmente, acho mesmo essa questão irrelevante. Os programas políticos têm cada vez menos interesse e os partidos reduzem-se cada vez mais a formatos de *marketing* político. O que me interessa e acho importante é uma metodologia para a renovação da cidadania, uma ética da cidadania.

Toda a ética que se preze, é claro, **tem de partir do indivíduo.** Qual indivíduo? Bem para já estamos cá eu e você! Eu pela minha parte, escrevi e publiquei este artigo (o que me deu bastante trabalho) e pretendo fazer mais coisas. **E você?**

Com o tempo, entre os seus amigos e os meus, talvez cresça um movimento de opinião, ou melhor uma **renovação da forma de ser cidadão**, que obrigue os políticos a contar a verdade e a respeitarem um povo desconfiado, vigilante e atento. Um povo de cidadãos e não de carneiros.

Com um povo assim, talvez daqui a uns cinquenta anos os políticos deixem de ser um problema. Mas é preciso começar já.